

Mesa-Redonda: HISTÓRIA E IMPACTO DAS OLIMPÍADAS CIENTÍFICAS NO BRASIL

Coordenador: Ildeu de Castro Moreira (SBPC/UFRJ)

Dia/Hora: 28/7/2023 - das 16h00 às 18h30

Palestrante: **Eugênio Reis Neto** (CNPq)

## RESUMO

As primeiras competições reconhecidas como olimpíadas científicas foram as de matemática, disputadas desde o século 19, na Hungria, em 1894.

No Brasil, a primeira olimpíada científica nacional também foi de matemática. Ela foi realizada em 1979 e organizada pela Academia de Ciências do Estado de São Paulo, que também realizou as primeiras Olimpíadas de Física, de 1985 a 1987. Apenas em 1999 esta olimpíada ganhou caráter de competição nacional. Em 1996 surgiu a Olimpíada Brasileira de Química (OBQ) e, em 1998, a Olimpíada de Astronomia e Astronáutica (OBA).

De lá pra cá, surgiram dezenas de outras olimpíadas de conhecimento e, hoje, contamos com mais de 100, agrupadas entre as de Matemática, de Exatas, de Tecnologia, Humanas, Biológicas e Interdisciplinares.

A participação de estudantes em olimpíadas de conhecimento se reflete, rapidamente, na melhoria do ambiente escolar, com aumento do rendimento acadêmico e com os bons alunos sendo valorizados e servindo de inspiração para os demais. Quanto mais estudantes se motivam a participar delas, mais talentos podem surgir e serem reconhecidos com tal.

Sabemos da desigualdade educacional no Brasil e entre suas causas estão a renda familiar, a etnia e a região onde moram os estudantes. As olimpíadas de conhecimento se apresentam como uma excelente política pública, de baixo custo e estratégica para a redução dessas desigualdades.

O exemplo mais representativo do poder transformador das olimpíadas é Cocal dos Alves, cidade de 6 mil habitantes no interior do Piauí, que superou o descrédito, a falta de estrutura e a pobreza.

Cocal dos Alves chegou a estar entre os 30 municípios brasileiros com o pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), com quase 50% da população analfabeta e 90% beneficiária do Bolsa Família. Em 2005, com a realização da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e a conquista das primeiras medalhas, os professores responsáveis pela aplicação da prova viram uma oportunidade de "virar o jogo". Estes professores incentivaram e deram suporte para que os estudantes conquistassem cada vez mais premiações. Esta estratégia deu certo e a cidade passou, em poucos anos, a ser conhecida como a "Capital da Matemática" por causa do grande número de jovens da cidade medalhistas nesta que é a maior competição de matemática nacional.

As conquistas na OBMEP causaram uma revolução na educação de Cocal dos Alves. Seus estudantes passaram a conquistar, com frequência, medalhas em outras competições olímpicas, como astronomia, robótica, informática, língua portuguesa e até lançamento de foguetes de garrafa PET (da Mostra Brasileira de Foguetes - MOBFOG), além de médias elevadas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e taxas de aprovações crescentes para ingresso nas universidades do estado.

Tudo isso ajudou, também, o município a se desenvolver e, segundo os dados do IBGE, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) passou de 0,26 para 0,5 em 10 anos (de 2000 a 2010). O exemplo de Cocal dos Alves foi seguido por outras escolas do interior do Piauí, em cidades como Piripiri, Lagoa Alegre, Cocal de Telha e Boa Hora, que também registraram um aumento significativo no número de medalhas por ano, em diversas olimpíadas. Podemos citar alguns outros exemplos exitosos pelo Brasil, como: Quixaba/PE, Sertãozinho/SP e Viçosa/MG.

Deste modo, podemos dizer que, quando bem exploradas, as olimpíadas estimulam a educação e a educação, por sua vez, estimula o progresso.

Ao se preparar e participar de uma olimpíada nacional, o estudante, além das medalhas, pode ter a oportunidade de viajar pelo mundo para participar das respectivas competições internacionais; ingressar no

Ensino Superior sem vestibular, através das "vagas olímpicas", que muitas universidades oferecem; obter uma bolsa de estudos no Brasil e no exterior. São muitas as oportunidades que um estudante bem preparado pode ter, graças às olimpíadas científicas.

Algumas olimpíadas contam com recursos diretos do governo, como é o caso da OBMEP, através do Ministérios da Educação (MEC) e da Ciência, Tecnologia, Inovação (MCTI), e da Olimpíada Nacional de Ciências, através do MCTI.

Outras, como OBA, OBF, OBM, OBQ e OBR, entre outras, são apoiadas através do Edital de Olimpíadas Científicas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado ao MCTI.

Apesar do apoio de recurso do MEC neste Edital de Olimpíadas do CNPq, o montante disponível variou pouco nos últimos 10 anos (em torno de R\$ 3 milhões). Somente em 2022 houve um aumento expressivo dos recursos, passando de R\$ 4 milhões (2021) para R\$ 8,8 milhões. Entretanto, com o número crescente de olimpíadas contempladas, o valor distribuído para as olimpíadas nem sempre são suficientes para a realização da competição, fazendo com que as respectivas coordenações procurem por patrocínios e apoios para completar os custos operacionais.

Quando dividimos o número de estudantes atingidos por estas olimpíadas pelos seus custos, chegamos a meros R\$ 2,00 por estudante, no máximo. Parece pouco, e é pouco, se pensarmos em tudo que estas olimpíadas representam para a educação e para o combate às desigualdades de grande país.